RB182,598

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

O MAR

TENEBROSO

POEMETO

POR

[illegible]

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA
Rua Formosa, 112
—
1894

O MAR TENEBROSO

O MAR

TENEBROSO

POEMETO

POR

THEOPHILO BRAGA

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA
Rua Formosa, 112

1894

Venient annis sæcula seris
Quibus Oceanus vincula rerum
Laxet et ingens pateat tellus.

SENECA.

Ma volgendosi gli anni io veggio uscire
Dall extreme contrade di Ponente
Novi Argonauti e novi Tipi e aprire
La strade ignota, in fin al di presenti.

ARIOSTO, *Orlando*, c. XV.

NO CENTENARIO

DO

INFANTE DOM HENRIQUE

HOMENAGEM

DA

IMPRENSA PORTUGUEZA

O seculo que se engrandeceu pela descoberta da IMPRENSA, que o conduziu ás grandes NAVEGAÇÕES, deu ao homem a pósse do mundo do espirito e do mundo physico, alliando o pensamento e a acção.

Hoje que o sentimento nacional synthetisa no Infante Dom Henrique a iniciativa maritima dos Portuguezes, compete á Imprensa dar expressão á solidariedade d'esses dois prodigios do seculo XV.

Anselmo de Moraes.

ARGUMENTO

VEM sobre a Europa uma alluvião de barbaros turcos e mogóes commandados por Mahomet II, e na sua conquista rapida ameaçam destruir a Civilisação do Occidente, herdeira de todos os progressos das nações que se desenvolveram sobre as margens do Mediterraneo! Qual será o Estado que, como a Grecia outr'ora sustando a grande invasão dos Persas, possa mais uma vez salvar os destinos da Humanidade? Todos os Estados estão em guerras intestinas; o papa é impotente para trazel-os á acção commum de defeza contra as hordas brutas que avançam para o centro da Europa.

Estava então no seu retiro de Sagres o Infante Dom Henrique contemplando o Mar Tenebroso vedado pelas tradições temerosas da antiguidade, quando lhe chegou a noticia da tomada de Constantinopla pelos turcos. Triumphará a barbarie da Civilisação?

O Infante cahiu em profunda tristeza e n'um impeto de cólera envia um cartel de desafio a Mahomet II. Esse cartel foi o ultimo lampejo do espirito cavalheiresco; novas fórmas de combate iam ser iniciadas. Como sustar a corrente do implacavel inimigo, e salvar a Civilisação do Occidente? O Infante achou a solução do grande problema: Dar ás Civilisações da bacia do Mediterraneo um leito mais vasto, tendo por margens a Europa e a Africa e de outro lado o continente desconhecido; abrir o caminho maritimo da India, e pôr em alarme as forças turcas fazendo-as refluir da Europa para a Asia. Raynal formulou com clareza esta consequencia historica: «Que seria da liberdade? Morreria, se os Portuguezes não embaraçassem o progresso do fanatismo mussulmano fazendo-o parar na impetuosa carreira de suas conquistas, cortando-lhe o nervo das riquezas.» É esta previsão que anima as emprezas maritimas, dando ao vulto e pensamento do Infante Dom Henrique uma grandeza épica.

CANTO I

O SONHO DOS OSMANLIS

O SONHO DOS OSMANLIS

No rico alcaçár, quando tudo dormia
Por noite adiantada, Mahomet segundo
Chama o Grão-Visir com um brado iracundo;
Khalil, aterrado, de prompto acudia.
Na sua presença o espanto encobria;
Mas, diz-lhe o Sultão com um ríspido aspeito:
«Não vês como está revolvido esse leito?
«Persegue-me um sonho de noite e de dia.

«Não posso dormir! Segue-me um pensamento,
«Egual a remorso que a paz de alma exul';
«Só tenho um desejo — Tomar Stambul,
«Sobre essa conquista ter meu throno assento.
«De dia e de noite sonho em tal evento;
«Do meu vasto imperio será capital!»
E ideando a futura batalha campal,
De Stambul os planos mostrava-lhe attento:

«Fazei com astucia que vão espiões,
«Agora, hoje mesmo, o mais tarde ámanhã,
«Com todo o segredo fallar a Orban,
«O hungaro, o bom fundidor de canhões.
«Do Imperador os ministros vilões
«Bem sei, não lhe pagam devidos salarios;
«O ouro que levam os meus emissarios
«Melhor lá lhe explique minhas intenções.»

Orban, do Arsenal, dentro em poucos dias
Fugiu; eil-o, ás ordens está do Sultão:
«Quero eu que me fundas um grande canhão!
«Começa o trabalho; tens grossas quantias.»
—Stambul nunca viu d'estas artilherias.—
Canhão giganteseo, maior do que sete,
Orban traça, molda, e o bronze derrete,
Funde obra estupenda de altas ousadias.

—Em pó tornará de Stambul as muralhas
Um só tiro dado por este canhão!—
Orban carregou-o pela propria mão,
Seguro da obra perfeita, sem falhas.
Dispara-o sem medo. Voaram metralhas,
Tremeu Andrinople, a cidade, um instante,
A dez leguas se ouve o ribombo distante,
A bala faz ruinas de trinta batalhas!

Diante d'aquelle terrifico effeito,
Alegre Mahomet na indomavel pujança
A Constantinopla um exercito lança,
Duzentos mil homens! N'um fito direito
Caminha na frente, levando no peito
Do altivo poder as brilhantes insignias,
A Massa de ferro, a que nas luctas igneas
Perdeu Bejazet por derrota desfeito.

Derviches o seguem n'um longo cortejo
Qual fila de monges soturnos completa;
Com Aschemeddin, que se dá por propheta,
Que ás tropas exalta o furioso desejo
Do sangue e da morte, da gloria o ensejo!
O canhão avança, por juntas cinquenta
De bois, que o pucham, indo em marcha lenta
Galgando as montanhas, o vale e o brejo.

Mahomet apparece, de abril na alvorada,
Diante dos muros de Constantinopla!
Ao ár em doesto arrojou a manopla;
A tenda de seda ficou assentada
Diante da Porta que é denominada
Na voz Caligaria; e em linha ante os muros
Até duas leguas, soldados seguros
Aguardam as ordens para a escalada.

Orban anda ancioso por vêr os effeitos
Da obra! Assentou o gigante o canhão
Diante da Porta que diz Sam Romão;
Defendem-na os rijos e bons parapeitos.
Faz a pontaria com calculo e geitos...
Rebenta o canhão, prompto, em estilhaços
Destróe tudo em roda, e o corpo em pedaços
De Orban jaz, do ár cáem eraneos desfeitos.

Coragem maior ao Sultão dão revezes,
Dos rijos janizaros marcha na frente;
Mas vendo Khalil, no instante presente
Chegarem galeras, baixeis genovezes
Que o Papa em soccorro mandava por vezes.
Lembrou fazer pazes com o Imperador!
Acode o Derviche bradando: — Senhor,
Do voto esqueceis-vos proferido ha mezes?

N'aquella grandiosa e imponente visita
Com pompa triumphal, n'uma alegre manhã,
Abriste o Minab que guarda o Coran,
De Brusse na esplendida e rica Mesquita:
Lêste ahi sentença terrivel escripta,
Que desde Moysés ao Propheta nos vem:
Japhet põe o pé no pescoço de Sem,
E a raça de Cham torna escrava e maldita.

Mas n'esse momento jurou Mahomet
Aquella sentença fatal pôl-a em erro,
De novo brandir essa Massa de ferro
Cahida das mãos do Sultão Bejazet!
E o filho do bravo Amurath eis promette
Tornar realidade este sonho feliz:
«Os crentes do Islam calcarão a cerviz
«Á raça dos cães que provêm de Japhet.»

Possues da poesia o magnifico afago,
A historia conheces por leitura immensa;
Bem sabes quanta essa temivel sentença
Se tem realisado: Caíu já Carthago,
E Jerusalem soffreu o estrago,
Do féro Romano implacavel ruina!
Mas a Africa toda, com a Palestina
De Allah só conhecem agora o orago.

Ainda o Crescente campêa em Hespanha!
Mandae tocar já o estridente anafil;
A féra ataquemos no proprio covil,
Não falta coragem, nem odio, nem sanha.
Se o cêrco se rompe a desgraça é tamanha!
É tua a victoria sobre a Europa inteira,
Se tu ao assalto vás na dianteira
Stambul cáe por certo ante a audacia estranha.—

Mahomet mandou proceder á escalada,
Os corpos dos mortos atulham os fossos,
Janizaros trépam por sobre os destroços
Ás altas ameias entre a derrocada.
A população parecia pasmada;
Só cinco mil homens a patria defendem,
Os mais pelas praças e atrios contendem
Se o corpo de Christo é na ostia sagrada!

Jurou Mahomet com palavras aziagas
Da rica Stambul — que nos fossos pereça,
Se acaso a victoria hoje o não favoreça;
Chamou a conselho os Visires e Agas:
« Caiam sobre mim maldições e mil pragas,
« Se eu em cinco dias não dou termo á guerra!
« Que Stambul se ataque por mar e por terra,
« Serão triumphantes as vossas adagas.

« Riquezas, e joias com todo o dinheiro
« Serão dos soldados! para mim reservo
« O solo e as casas; quanto ao mais observo
« Que, excepto o incendio, o saque é inteiro. »
Azabs, janizaros, ergueram berreiro,
Derviches em loucas, freneticas dansas,
Falla Aschemeddin em bemaventuranças
Para os que morrerem de um golpe certeiro.

Em Constantinopla esse jubilo eccôa.
Do atroz desbarato tremenda ameaça!
Quão mal imagina a multidão que passa
Que a ultima hora de Byzancio sôa.
De Constantinopla ao setemtrião vôa
Fugaz meteoro de luz deslumbrante,
A voz dos Derviches n'esse mesmo instante
Ao crente osmanli a victoria apregôa.

Em Constantinopla um agouro era crido:
Quando a Cercoporta se abrisse, daria
Passagem á horda de infieis n'esse dia!
Aviso funesto tão breve esquecido.
Para uma sortida sem ser prevenido
O Turco, eis a Porta de prompto se abre;
Ninguem no regresso a cerrou; e o sabre
De Islam por ella entra sem ser impedido.

Retrôa do assalto medonho rebate,
O Imperador despe o manto em tal passo,
A tunica azul e o cinturão de aço,
E arroja-se incognito ao mortal combate.
Jogava o Sultão no terrivel embate
Tambem a corôa do imperio seu, vasto;
No alvor da manhã rompe o assalto nefasto,
E antes de uma hora Stambul já se abate.

Tumulto instantaneo, maior que metralhas,
Partiu da cidade! A espalhada linha
De infantes, que o cêreo apertado mantinha
Dos Turcos, em frente das longas muralhas,
Pela Cercoporta, como em rotas malhas
Veloz irrompeu, tremebunda, violenta;
A carnificina começa sedenta,
A orgia do saque, o horror das batalhas.

Para o templo excelso de Santa Sophia
Caminha o Sultão jubiloso de gloria;
A Allah vae sagral-a em signal da victoria
Da rica metropole que apetecia!
E quando orgulhoso ao zimborio subia,
Para o Occidente voltou logo a fronte,
Fitando o ignoto, azulado horisonte
Lançou com desdem a sangrenta ironia:

«Puz termo á sentença de ultraje medonho,
«Do Livro a tremenda sentença desminto!
«Calcando a cerviz de Japhet, eu bem sinto
«Que sobre o pescoço meus pés hoje ponho.
«Da raça de Sem já me não envergonho,
«Eu sou o supremo Senhor de dous mundos,
«Exerço o Imperio em dous mares profundos,
«Só eu realisei dos Osmanlis o sonho.»

CANTO II

O OCCASO DO OCCIDENTE

O OCCASO DO OCCIDENTE

De sabios, de humanistas rodeado
Da sua Bibliotheca entre os primores,
Nicoláo quinto, papa, descuidado
De Sam Fabiano nos vergeis de flores,
As conversas escuta com agrado
Sobre as obras dos gregos escriptores:
Poggio, Manetti com Decembrio falla,
Philelpho, Aurispa, mais Lourenço Valla.

Jorge de Trebizonda discutia
Com Theodoro de Gaza as traducções
De Platão, de Aristoteles; ouvia
O papa as luminosas opiniões
Ácerca de Polybio; e na ironia,
No tiroteio de atticos farpões
Que jogam entre si os litteratos,
Os grammaticos são menos cordatos.

Fallou o bom do papa, em ár risonho,
Áquelles escolhidos circumstantes:
«Para mim ha um só dourado sonho,
Pensamento de todos os instantes;
Dos meios, dos poderes que eu disponho,
Mais do que a thiara, eu quizera antes
Dar vertidos em sam latinidade
A Biblia e Homero á humanidade.

Qual de vós me acompanha n'esta empreza?
Manetti! eu bem sei o que te impede
De traduzir a Biblia... com franqueza,
De ir contra Sam Jeronymo procede.
Tens da livre consciencia a inteireza;
Ah, se ella especial perdão te pede,
Se ás vezes contrariares a Vulgata,
Minha benção o escrupulo desata.

Tu, Philelpho! bem sabes o que eu quero:
És capaz de em hexâmetros verteres
Os dois Poemas immortaes de Homero.
Para uma tal obra emprehenderes,
Casa e jardim em Roma tens; e espero
Rodear-te de todos os lazeres;
E além de tudo, mil sequins te entrego
Pelo verso final do poema grego.»

Jorge de Trebizonda, alegre exclama:
—Oh Santo Padre! que missão divina,
Tornar completa, em quem o bello ama,
A união da Egreja, a grega e a latina!
De Florença o Concilio se a proclama,
Um novo ideal a realisal-a ensina,
De duas almas synthese suprema
Na traducção do homerico poema!—

Mas quando o Papa esta allusão escuta
Ao Scisma do Oriente, pela fronte
Passa um véo de tristeza e o enluta:
«A estas horas acha-se defronte
Lá de Constantinopla a força bruta
De Mahomet segundo! E no horisonte
Vejo a abysmar-se em vórtice eminente
A Civilisação do Occidente!...

Na Cidade, onde ha trinta mil pessoas
Apenas cinco mil ás armas córrem!
As outras, como alheias, más ou boas
Acceitam as noticias quaes occorrem;
A fé, a dignidade o odio apagou-as,
E escuta-se entre os gritos dos que morrem:
—Antes sob o Turbante de Mahomet,
Que do nuncio Isidoro hoje o barrete!—

Eu só trabalho pela causa justa;
Ao vêr Chypre do Turco conquistada,
Ao rei de França escrevo; e elle á custa
Da fé christianissima jurada,
Respondeu-me: — Que o Turco não o assusta,
Que a França está de forças esgotada
Por trinta annos de guerras e revezes,
Vendo inda ha pouco expulsos os Inglezes.

Respondeu-me Inglaterra em desatino,
Pérfida entre as potencias orgulhosas:
Que de Byzancio os muros e o destino
Não valiam as guerras das Duas Rosas.
A Hespanha diz: — Do reino granadino
A conquista dá palmas mais gloriosas.
De Allemanha as corôas são lembradas
Das traições de Comnene nas Cruzadas!

Apenas me ajudaram com galeras
Genova e Veneza! A estas horas
Qual a sorte da guerra? Já impéras
Barbarie? a tuas mãos assoladoras
Apaga-se o esplendor das nobres éras,
Da consciencia as lucidas auroras;
E a Civilisação do Occidente,
Com desdem das Potencias, cáe, tremente.»

Quando estava a palestra n'esta altura,
O Cardeal Isidoro entra na sala;
Fugira da matança atroz e escura,
Da queda e saque de Byzancio falla.
Com espanto o escutam! a amargura
Inconsolavel suas almas rala,
E o Cardeal a narrativa fecha
Quando com armas acudiu á brécha.

Contou como a cidade foi tomada,
E a bella cathedral Santa Sophia
Em Mesquita de prompto transformada
Pelo Sultão votada n'esse dia,
Tendo-a mandado evacuar á espada,
E o sacrificio santo interrompia!
Parece que um mortal sudario frio
Cobre tudo! e que a luz do sol sumiu.

Ficou o Papa succumbido um instante,
Voltou a si com animo; e exclama:
«O dinheiro de Pedro inda é bastante
Para atear de uma Cruzada a chamma!
Constantinopla está sob o turbante...
Mas, que dor por mim todo se derrama!
Que desgraça! que ruina e fatal córte!
Eu bem sinto que é isto a minha morte.»

CANTO III

O CARTEL DO INFANTE

O CARTEL DO INFANTE

Do Mestrado de Christo ás terras, longe
Dos rumores da côrte, se retira
O inclyto Infante Dom Henrique. Soffre
Em silencio os pezares, o remorso
Pela morte do Duque de Coimbra,
Desventuroso irmão, que uma palavra
Sua, a tempo, salvara contra a intriga
Da treda imputação — que conspirava
Contra a corôa do sobrinho e genro!

Quando o alquebrado espirito procura
Desannuviar, tristeza mais profunda
Accomette-o! Mandara-lhe um Legado
O terceiro Calixto Papa: exora
A cooperação do heroico Infante
Para a grande, urgentissima Cruzada
Contra o implacavel Mahomet segundo

Que subjugada tem Constantinopla!
N'uma sentida Carta lhe escrevia
O que disse n'um brado aos Reis da Europa:

«Uma enchente de Barbaros avança
Sobre a Europa, e ao pélago profundo
Da servidão e estupidez nos lança!

Vem commandada por Mahomet segundo;
Em Byzancio, na capital do Imperio
Assentou o seu throno! Golpe fundo.

Ao papa Nicoláo quinto a dor fere-o,
Por encontrar da Europa os Reis na inercia,
Não vendo o alcance de um perigo sério;

Maior do que o de outr'ora, quando a Persia
Exercitos innumeros despeja
Para extinguir a liberdade e a Grecia.

Hoje a catastrophe é maior! A Egreja
Ás Nações cultas, e que são herdeiras
Da Grecia e Roma, chama-as á peleja.

Emquanto os Reis não erguem as bandeiras
Para a Cruzada unanime, espontanea,
Vem o Turco tomando as dianteiras;

Conquista a Bosnia e logo a Karamania,
Da Criméa de subito se apossa,
Otranto cáe á acção forte, instantanea.

A Armada de Veneza já destroça;
Põe á ilha de Rhodes duro assedio,
De eseravos cuida que a fileira engrossa

Com Cavalleiros de Sam João! . ... Remedio
Reclama a affronta que a brutcza excede;
A Christandade ao monstro o triumpho véde-o.

Os Osmanlis na Europa firmam séde,
E as velleiras galeras temerosas
No Mar Mediterranco quem impede?»

. . . . . .

Não póde lêr o Infante as dolorosas
Palavras d'esta Encyclica do Papa,

A convidar os Princepes da Europa
Para a Cruzada santa, humana e justa!
A vista grossas lagrimas toldaram,
E do Legado resoluto inquire:

—Os Soberanos que resposta deram?
Que prometteram para a nobre empreza?
Vêm á Cruzada do glorioso heroismo?

Volve o Legado com dolente falla:

«Oh, vergonha é dizel-o! A Christandade
Por um abjecto egoismo desunida,
Cada potencia busca hoje allianças
Com Mahomet segundo, cujo imperio
Crescendo em poderio, reconhecem!
Vède como o Senado de Veneza
Contra Genova pede ao Turco apoio;
E Fernando o Catholico! com elle
Tambem os Reis de Napoles, da Hungria,
Da Polonia, e o Grão-Duque de Florença
Mancham a historia, anciosos disputando
As boas graças do Sultão, que chama
Luctas de Cães e Porcos os conflictos
Que os Reis da Europa entre si têm!

O Infante,
No desespero que o estrangula, exclama:

—Perante a corrupção e a ruina
De uma época vil, não ha mais nada
Além da dignidade do individuo!
Conte o homem de bem comsigo, apenas.
Quando os Estados, miseros, se vergam
Ante os ginetes de Mahomet segundo,
Quem lucta? A sós a individual bravura:
Admiro Scanderberg e Hunyáde!
Pois bem; visto que os Reis hoje se excusam
Á Cruzada, eu, sósinho, irei bater-me
Com Mahomet segundo frente a frente,
Em duello de irrevogavel morte.—

Aos fidalgos de sua Casa chama,
Aos Cavalleiros do Mestrado:

—Amigos!
Quem d'entre vós quer ir perder a vida
Pela fé, a Constantinopla marche,
E entregue o meu Cartel de desafio
A Mahomet segundo.—

Promptamente
Dois bravos cavalleiros avançaram;
Freires de Christo. O Infante Dom Henrique
Manda vir a dourada escrivaninha,
Dita em solemne pausa merencorio:

REPTO

—A Mahomet segundo, o irrisorio
Sultão, filho de escrava, que alguem véde
Que á livre Europa calque o territorio!

Ao assassino do irmão Amhed,
Da princeza de Sinope nascido,
E herdeiro de Amurath, contas lhe pede

Princepe do Occidente, destemido,
Por assentar seu throno aonde esteve
Do Imperio romano o solio erguido.

Porque contra a Europa o vil se atreve,
Substituindo a Cruz pelo Crescente
Sobre Santa Sophia! Á liça, breve!

Christão e Cavalleiro do Occidente,
Contra ti da justiça a força emprego-a
Para um combate singular, fremente,

A todo o transe, sem te dar mais trégoa
A não ser a da morte! —

O escrevente
Do Cartel prompto dois traslados tira.
Cada um dos Cavalleiros tendo feito
Dos bens terrenos doação, e as almas
Preparado de espiritual soccorro,
Deliberados partem. Um, por terra,
Outro, por mar, seguiram á ventura,
Como quem vae manter um Passo honroso!

CANTO IV

A VISÃO DE SAGRES

A VISÃO DE SAGRES

O Mar Mediterraneo estava em preza
Das galeras dos Turcos, vis corsarios!
Perante a indifferença dos monarchas
Pelas conquistas rapidas, crescentes
Com que Mahomet vae occupando a Europa,
O Infante Dom Henrique os olhos lança
Á vastidão do atlantico Oceano,
Cujo horisonte infindo é um mysterio,
Mar tenebroso, e nunca navegado,
Que os nautas com terror de si repelle!

Durante um anno o Infante inclyto aguarda
A volta de qualquer dos Cavalleiros,
Com a resposta ao destemido repto!
Era esperança vã. Mahomet segundo
Entregue á embriaguez, torpe e devasso
Depois de incruentissimas batalhas,

Como corresponder ao digno appello
Do Grão Mestre de Christo? Heroicos tempos
Das luctas de Ricardo e Saladino
São idos para sempre; esse desprezo
Do Sultão por cavalheirescos passos,
Mostra ao Infante da pessoal bravura
Finda a edade: a Civilisação pede
Outra arena mais larga de combate.

*

Contemplando o sereno Mar immenso,
Um problema na mente volve agora,
E dizia comsigo:
—Eu, dia e noite, penso
Como sustar a enchente assoladora
Do tremendo e invencivel inimigo?

A Civilisação do Occidente
Salvar, qual fez a Grecia em Salamina?—
Que emprezas imágina!
Que sonho audaz e crente!
Revolvendo os Annaes da Antiguidade,
Brada:—Oh grande lição da Humanidade!

Com ser pequena a Grecia em territorio,
Da Persia o enorme exercito derrota
Em combate naval!
Inicíe Portugal
Contra o Oriente a guerra: no equóreo
Abrindo para a Asia a estranha róta.

Das canibaes e infames hordas turcas
Do assalto a Europa inteira se liberta,
Quando em nossas urcas
Formos com róta certa;
Ferindo-as no Oriente e no seu berço
Dos Portuguezes pelo braço adverso!—

Contemplando do Oceano a profundeza,
E do horisonte a linha ampla, infinita,
Vê rugirem procellas com braveza;
Concentrado medita:
Se a Gente portugueza
Dará realidade á ousada empreza!

Quando a imaginação se lhe apavóra,
Eis que o Mar Tenebroso se illumina
Com um clarão de boreal aurora;
O futuro, n'essa hora,

Nitido discrimina,
Ao brilho da ideal phosphorescencia
Do mar, ou do fulgor da intelligencia:

—Foi d'Osmanlis o sonho audaz de gloria
Tomar Constantinopla! Poz-lhe assedio
Amurath; mas já perto da victoria,
Não teve outro remedio,
Por salvar a Anatolia n'um momento,
Forçado erguer, deixar o acampamento.

Tambem Mahomet segundo em sua insania
Veiu pôr cêrco á capital do Oriente!
De Ibrahim, princepe da Karamania,
A revolta, forçou-o de repente
A transpôr o Hellesponto, e em prompta rázzia
Ir acudir aos seus Estados da Asia.

O segredo da salvação da Europa
Está patente n'estes dois successos!
Dos portuguezes galeões a pôpa
Quando ao Mar Tenebroso abra os recéssos,
E da Asia o maritimo caminho,
São os Turcos feridos no seu ninho.

Já para sempre a Europa se liberta
Da raça bruta que, hoje, a infesta e tala!
Ao peito heroico é nova liça aberta,
Ninguem ao luso no impeto o eguala;
E a Portugal a aurora o illumina
Dos dias triumphaes de Salamina!—

N'este alto pensamento se arrebata;
Activa o Infante intrepidas emprezas
Das Navegações grandes portuguezas;
Das intimas tristezas se resgata,
N'uma visão do infinito equóreo
De Sagres no remoto promontorio.

Oh! não foi, não, esta visão chimerica,
É lucida a miragem:
Seguindo incerta róta
Atravessa uma destemida fróta
O Tenebroso Mar, e toca a margem
De um ignorado Continente—a America!

Lá para onde, oh sol, froíxo declinas
Outros baixeis vogando representas;
Transpuzeram o Cabo das Tormentas,

E vão plantar as portuguezas Quinas
Em um outro hemispherio!
É da Asia o novo imperio.

Do Atlantico ao Pacifico Oceano
Um Portuguez, primeiro,
Atravessa por não cuidado esteiro,
Faz a circumducção da terra ufano!
Do planeta tomou posse á vontade
O homem! É triumphante a Humanidade.

*

Oh Visão! realidade surprehendente!
Dos Portuguezes na Asia a valentia
Faz recuar dos Osmanlis a gente
Que a Europa desmembrada comprimia;
Dos dois mundos—o Oriente e o Occidente
Nasce a consciencia da intima harmonia,
Inspirando a Epopêa portugueza
Na lucta e imperio sobre a Natureza.

INDICE

O MAR TENEBROSO

PAG.

Ao Centenario do Infante D. Henrique 5
Argumento do Poema 7

CANTO I

O sonho dos Osmanlis . . . . . 9 a 18

CANTO II

O occaso do Occidente . . . . . 19 a 26

CANTO III

O cartel do Infante . . . . . 27 a 36

CANTO IV

A Visão de Sagres . . . . . 37 a 44

Acabado de imprimir
em 2 de Março de 1894,
commemorando o quinto Centenario
do nascimento do Infante
Dom Henrique,
na Imprensa Portugueza
(Rua Formosa, n.º 112)
PORTO

O producto total d'este poemeto
offerecem-no o auctor e o editor á Officina de S. José
e ao Asylo Profissional do Terço